

AS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE RESISTÊNCIAS USANDO ARTE COM SEMENTES: APONTAMENTOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO MST. [1]

Maritania Andretta Risso

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI) / Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Bolsista da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
maritarisso@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o debate da arte com as sementes, buscando relacionar aspectos acerca do conceito da arte engajada, desenvolvida por volta dos anos de 1960, no Brasil. A problematização se dá na busca por referências que contribua para a criação de uma identificação para a construção estética das sementes crioulas, desenvolvida em Tepoztlán - México e nas áreas de assentamentos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. Neste sentido, busca-se desenvolver um paralelo entre as duas formas de arte, na tentativa de identificar quais seriam as referências históricas em relação à arte das sementes.

Nessa proposta, colocamos como indicação o Projeto “Germinando arte engajamento camponês”, na perspectiva de compreender o papel da arte no MST, levando em consideração o processo fundamental da arte dentro da cultura camponesa e dos movimentos sociais. Procuramos também, descrever a experiência que vem sendo construída coletivamente dentro MST, a partir da troca de experiências com indígenas mexicanos da região de Tepoztlán, estado de Morelos no México. Do ponto de vista metodológico, optamos por uma revisão bibliográfica de autores como Andrade (1975), Barbosa (1997), Costa (2012), Coli (1995), Frederico (2013), Morais (1995), Napolitano (1959-1969), Reis (2007), Pieller (2013), Sartre (1989), Sousa (2008), Viana (2015), Villas Boas (2015), Zílio (1996-1982), entre outros, buscando abordar discussões sobre a arte engajada no Brasil abrangendo o contexto da América Latina.

O TRABALHO ARTÍSTICO COM SEMENTES NO MÉXICO

A técnica do trabalho com sementes origina-se na comunidade indígena de Tepoztlán, Estado de Morelos, no México. Por meio de um intercâmbio (oficina), organizado pelo MST em 2012, nos foi possível conhecer e trazer essa técnica de arte para o contexto dos assentamentos do MST, sendo até o momento um trabalho distinto dentro das artes, e de suma importância para a organização e o debate da recuperação das sementes crioulas. Trata-se de um compromisso social entre os povos que buscam por meio da arte trazer presente a denúncia e a exploração do capital em relação às sementes, sendo esta a matéria prima da existência humana.

Em Tepoztlán tivemos contato direto com a técnica mexicana de construção e conhecemos um trabalho que já vem sendo realizado há mais de vinte anos, por uma comunidade de 20 mil habitantes, que é a construção de um portal recoberto com sementes, medindo aproximadamente

32m², utilizando aproximadamente 150 variedades de sementes. Esse trabalho é uma técnica indígena de caráter muralista, desenvolvida com metodologia própria por povos daquela região, e essa mesma construção estética se tornou marco histórico tanto em Tepoztlán, como em outros países, devido aos debates que giram o mundo em torno da disputa pelas sementes crioulas. Também vale salientar que essa forma de arte não possui registro formal, sendo trabalhada como arte que faz parte da cultura indígena mexicana.

Ao relatar a arte indígena, criada em Tepoztlán, podemos afirmar ser recente este trabalho, diante do contexto milenar da arte e da cultura mexicana. O México é protagonista de tradições muito fortes dentro da arte muralista, vinda de artistas históricos e consagrados como Diego Rivera, Siqueiros, entre outros, os quais buscaram suas reflexões na arte, desde os períodos de enfrentamentos políticos oriundos da Revolução Mexicana ocorrida nos anos de 1910. O trabalho com sementes vem ganhando força devido à abordagem e aos temas que o mesmo coloca em questão.

As sementes crioulas têm papel importante no contexto social da classe trabalhadora. Neste sentido, têm se discutido entre os movimentos sociais essa técnica, por se tratar de utilizar em sua materialidade um elemento universal que dá origem e simboliza a vida humana, esse é capaz de se refazer enquanto espécie viva, e por si já traz em seu contexto um compromisso com a vida.

Dessa forma os trabalhadores e artistas vêm assumindo essa forma de arte como bandeira de luta, tanto mexicana quanto brasileira. Os movimentos sociais têm incorporado e promovido o debate através das jornadas de luta, jornadas de agroecologia, seminários, feiras, casa de sementes[2] entre outros. Assim essa arte torna-se ferramenta pedagógica de formação e contribui no debate identificando caminhos para trabalhar a recuperação, multiplicação e preservação das sementes. Podemos dizer que o conceito adequado vem sendo construído em nossas experiências coletivas de trabalho com sementes, de acordo com estudos e pesquisas já realizadas nesse assunto, percebemos que os frutos dessa arte são elementos de contribuição formativa para o MST, desde 2012, no México há mais de vinte anos.

A arte com sementes tem sua origem em 1992, por meio da necessidade de ornamentar o portal de entrada de uma igreja centenária, localizada no centro da cidade, em homenagem a uma santa chamada “Virgem da Natividade”. A mesma é homenageada todos os anos com um novo portal de sementes que é construído dois meses antes do dia 8 de setembro (data que se comemora o dia da padroeira). O portal é construído por meio de oficina aberta ao público local e aos turistas que vão para visitar a cidade, os mesmos acabam participando da oficina do portal, pois se trata de um ponto de encontro muito agradável e um momento terapêutico ao manusear as sementes. Apesar desta arte surgir através de vínculos religiosos, podemos perceber que tem outras questões culturais e sociais envolvidas, mas, no momento olha-se apenas para a construção estética, onde os temas elaborados pelos artistas são incorporados às representações dos desenhos, desde as relações da antiguidade até os dias atuais. A cada ano se debate

coletivamente o novo tema para a construção do portal, que sempre traz as características da mitologia mexicana, representação dos Incas, Maias, Astecas entre outros, bem como a colonização espanhola, a Revolução Mexicana e temas da atualidade. De modo geral, apesar do trabalho ser reconhecido em termos de beleza estética, os artistas e a comunidade de Tepoztlán, sentem pouca valorização da arte das sementes, por atrelarem esta experiência há cultura indígena que ao longo da história não teve um reconhecimento cultural merecido, ou talvez, por que não esteja vinculada aos meios artísticos da elite dominante. Neste sentido, buscam a cada ano agregar ideias que possam chamar a atenção das pessoas que vistam Tepoztlán.

Não se tem informações desta arte em termos de registros oficiais escritos, bem como direitos autorais, portanto, corre-se o risco desta arte desaparecer enquanto materialização, pelo fato de ser construída com sementes e ser um material frágil, e devido as tradições culturais, o trabalho fica exposto as intempéries de tempo. Artistas locais revelam as dificuldades e reclamam da falta de apoio para a construção do portal, pois esse é refeito sobre uma base de madeira e Ferro, as sementes são removidas e colocadas outras novas, as quais tem um custo elevado.

Como já dito acima, o portal a cada ano é refeito com novas temáticas e sementes, porém o diferencial se dá em torno do surgimento de novas variedades de sementes colhidas pelos artistas e pelos agricultores da região, ou encontradas no mercado público, levando em consideração que Tepoztlán configura-se como um espaço de comercialização para as regiões mais distantes, portanto este trabalho coletivo retrata a vivência do campo, bem como o contexto social e cultural do México.

A construção do portal é sempre carregada de muitos significados, os quais nos remetem a tradição das representações artísticas do muralismo mexicano, que vem sendo seguida pelos artistas que buscam retratar temas sociais em forma de arte. Como tradição e reconhecimento histórico, a arte das sementes segue o curso das representações e resgate da cultura mexicana, como descreve Barbosa:

O muralismo mexicano esteve relacionado às circunstâncias históricas, sobretudo da experiência humana que apontava para a necessidade de mudanças sociais. Fundamentado em três valores capitais: o nacional, o popular e o revolucionário, o muralismo procurou retratar a importância de índios, mestiços e trabalhadores, de modo geral. Houve a materialização de um projeto, de uma nova identidade a ser construída; uma identidade que não negasse o passado colonial e pré-hispânico, mas integrasse-o. As “raízes” históricas foram buscadas nesse passado e integradas ao contexto revolucionário, de modo a engendrar uma identidade nacional, ainda que a proposta partisse de uma elite política e intelectual. (BARBOSA, 2008, p.3).

Neste sentido, percebemos que a arte das sementes segue uma linha social que relaciona o contexto atual, não deixando as representações revolucionárias e históricas por se tratar de uma construção feita por artistas e pessoas com vínculo camponês, esses trazem elementos que fortalecem cada vez mais a arte como uma materialidade pautada em um projeto de vida, onde as sementes são elementos primordiais usadas na arte como pintura, dando forma e colorindo o

espaço ao invés de tinta ou pigmentos industrializados, o trabalho se faz semelhante a composição de um mosaico.

A EXPERIÊNCIA DO MST: PROJETO “GERMINANDO ARTE - ENGAJAMENTO CAMPONÊS”.

O Projeto “Germinando arte – engajamento camponês”, é um processo que vem se desenvolvendo há aproximadamente quatro anos dentro do MST, de forma coletiva. Tem seu início através das oficinas solicitadas pelos militantes dos acampamentos e assentamentos do MST, bem como dos agentes culturais das diversas regiões do Brasil. Seu principal objetivo é desenvolver uma experiência formativa que contribua para a recuperação das sementes crioulas nas áreas de reforma agrária. Por meio desse trabalho, vamos agregando várias formas pedagógicas dos camponeses visualizarem a arte e a cultura camponesa, pois são eles, trabalhadores e trabalhadoras do campo que assumem o papel de artistas e constroem o trabalho dos quadros com sementes.

A construção estética se dá por meio de materiais básicos, tendo como principal elemento as sementes, que contemplam a maior parte do trabalho, além da temática a ser representada. Os temas desenvolvidos são de representações camponesas, a partir da vivência histórica dentro da luta pela terra, bem como da sociedade, partindo do princípio individual, juntando-se ao coletivo. A metodologia aborda a necessidade local de onde a oficina ocorre, por meio de uma sondagem antecipada de datas históricas ou comemorativas, homenagens, luta de classe, identidade, produção, educação, saúde, cultura, entre outros elementos, que são vistos como necessários para a construção do quadro, que, representados por meio de símbolos, identificam uma proposta de luta e representação por meio da arte, essa criada coletivamente.

A cultura no MST, seja em qualquer das linguagens se apresenta com traços e caráter socialista, ou seja, de enfrentamento aos problemas sociais conhecidos historicamente pela classe trabalhadora. Retratar os temas sociais se faz necessário porque vemos na arte possibilidades de fazer a crítica com relação aos reflexos sociais vividos. Torna-se importante trabalhar de forma coletiva e em redes, pois acreditamos que a arte seja um elemento que produz consciência crítica, e dessa forma agrega valor à cultura camponesa, contrariando determinados conceitos que dizem que, o conhecimento artístico não pertence aos pobres ou não “iniciados” culturalmente.

A construção da arte com sementes se faz pela contribuição de cada participante, um trabalho voluntário que gera um especial reconhecimento às pessoas que o fazem, levando em consideração a diversidade cultural existente dentro da luta pela terra e os valores construídos dentro do movimento, bem como suas histórias de vida. Na construção do desenho, cada um de forma espontânea, vai falando de diversos assuntos decorrentes de sua vivência em relação ao contexto a ser representado como ideia central. Assim vai surgindo uma sistematização, em seguida, um esboço da proposta do quadro. Essa metodologia se faz relevante pela condição de participação dos sujeitos envolvidos e comprometidos com uma causa social. Os assuntos

debatidos no decorrer da oficina são, em sua maioria, perguntas referentes às sementes e ao desenho.

Como parte do processo, sempre se faz a preparação das sementes, tanto as que vão ser plantadas e outras que vão para o quadro, dessa forma a continuidade do processo de reprodução das sementes é garantida. Os participantes assumem como meta, espontaneamente, o início e a conclusão do trabalho, não importa se é noite ou dia, cada momento traz uma reflexão da importância desse trabalho, seja ele de forma visual (quadro) ou de seguir com o compromisso de plantar e reproduzir as sementes. Os registros são feitos por meio de fotografias e anotações. O contexto vivenciado em coletivo permite um amadurecimento de consciência que não é possível registrar, esse fica como parte da formação humana que certamente cada participante leva consigo, esse olhar refere-se ao pensamento transmitido em palavras e ação do próprio momento da oficina. Cada interpretação tem suas peculiaridades em cada lugar diferente onde a oficina é desenvolvida. Nesses momentos informais que os assuntos da formação política e social vão ganhando força, gerando debates e polêmicas sobre os mais diversos assuntos, esse é um espaço de trabalho e formação de consciência que aos poucos vão gerando ideias, vão além das opiniões individuais, conseqüentemente se faz o debate dentro de um pensamento coletivo de luta e organização social da classe trabalhadora.

Com o intuito de que essa arte seja trabalhada num contexto de classe, o debate se vincula pela organização social, a qual o MST, tem dado grandes passos nesses mais de trinta anos de sua existência como organização social, tendo como herança histórica a luta pela terra e disputas por direitos sociais. Desde os acampamentos até os assentamentos, levanta-se o debate de qual projeto de vida queremos para o campo e para sociedade. Dessa forma compreendemos que a sociedade deve abarcar a ideia de reorganização da vida sob forma de olhar primeiro a produção e distribuição dos alimentos, pois coletivamente lutamos pela soberania alimentar, assim trabalhamos na arte das sementes a ideia de recuperação das sementes crioulas como um direito natural e necessário para sobrevivência das espécies, buscamos pelas práticas que viabilizem e fortaleçam as formas de produção dentro da perspectiva da agroecologia.

Sabemos que por mais disputas que tenha diante desse assunto da sementes, os estudos apontam que a melhor forma de proteger as sementes é seguir replantando as mesmas, foi essa a forma de resistência que conseguiu chegar até os dias atuais. Compreende-se que assim as sementes estariam cumprindo a função social e se reproduzirem para alimentar a humanidade, contrariando esse modelo de monopólio da biodiversidade. Nessa compreensão, seguimos buscando na arte das sementes contribuições formativas que discutam a cultura e resistência do campo e a existência da vida.

Quando optamos pelas diferentes possibilidades metodológicas de acordo com a pedagogia social e crítica, ou seja, nos referimos ao trabalho com arte que conduza o debate por processos que revelem resultados que transcendam a arte. No caso da arte com sementes, ao debater e trazer presente as formas de vida e luta social dos participantes, a produção dos

quadros estará colocada em um contexto ideológico de luta de classe, vivenciada cotidianamente, bem como dos valores construídos em sociedade. Nesse sentido, o que conduz o trabalho é a própria compreensão dos artistas agricultores. Homens, mulheres, jovens, idosos e crianças fazem parte do contexto da produção desde o campo até a construção dos quadros. Em primeiro lugar está a produção das sementes pelas mãos daqueles e daquelas que já estão inseridos em um projeto de reforma agrária e esses se identificam como sujeitos ligados a terra e a natureza, e em segundo momento se dá a construção estética. Portanto podemos afirmar que a construção dos quadros com sementes é uma das formas de arte coletiva, que sintetiza o contexto de vida existente no campo.

Em cada oficina trabalhamos com um número considerável de participantes, por esse motivo, é feito um rodízio das pessoas que iram fazer a colagem das sementes. O trabalho fica em constante construção, cada indivíduo busca em sua vontade o compromisso para contribuir. Em muitas oficinas, foi observado que algumas pessoas, mesmo sem quererem estar ligadas diretamente com a colagem de sementes, aos poucos vão se aproximando e permanecem em constante observação, tentam apreender pela forma de trabalho que vai sendo direcionado na colagem prática e na oralidade, a qual compreende um processo de memorização dos passos do início ao fim do trabalho.

Neste processo coletivo, as mãos vão compondo a obra espontaneamente, uns cuidam da parte ligada às cores, o tamanho de cada semente, outros pensam a forma como vai ser representado os desenhos e quais os símbolos, outros ajudam a desenhar ou quando não sabem desenhar, sabem dizer qual elemento poderia compor e construir uma forma para dar vida a determinada ideia de representação social. Também se faz necessário um processo de preparação das sementes. Essa ocorre por meio de trabalho em grupo, alguns colhem as sementes, outros limpam/selecionam, outros aquecem, separam por cores e variedades, cortam, colam, impermeabilizam, etc.

Durante as oficinas, podemos perceber uma identificação das pessoas com as variedades de sementes. Ao lidar com a matéria prima da natureza, surge uma admiração natural e ao mesmo tempo especial, pois acreditamos ser pela descoberta de outra possibilidade que as sementes oferecem além do sustento, falam dos detalhes, das formas, das cores, criam ideias de onde seria o melhor espaço para determinada semente estar na composição, fazem referência ao passado quando reconhecem alguma espécie que se perdeu no tempo. Espontaneamente durante a oficina escolhem qual semente querem reproduzir em sua casa, qual semente se destaca na composição, durante o processo os registros são variados, fazem fotos, escrevem, perguntam, repassam informações a quem vai chegando, escolhem o lugar onde vai ficar a obra. Para dar maior durabilidade à obra, é feita uma espécie de indicação de alguém que queira ser o padrinho ou madrinha do quadro. Esse deve ser responsável pelo cuidado posterior do término do quadro. Em todas as experiências vivenciadas até o momento, os participantes se propõem

coletivamente de voltarem a se reencontrar outras vezes e dar continuidade, seguirem fazendo à arte com sementes.

Os lugares escolhidos para a exposição das obras, são sempre locais públicos e de boa visibilidade e que estejam ligados ao contexto onde foi construído. Ao término da obra escolhe-se um padrinho ou madrinha que ficará responsável por cuidar da obra e fazer a manutenção. Por fim, a obra é assinada por cada um e cada uma, seguida de uma comemoração simbólica, ou seja, de uma festa ou mesmo uma apresentação com uma mística em torno desse conhecimento construído coletivamente.

Essa produção se faz através de um processo simples, porém é preciso fazer uso de uma metodologia e organização específica para que a mesma tenha continuidade. Ninguém termina uma só parte sozinho, em cada espaço trabalhado sempre se faz uma abordagem coletiva, dessa forma, compreendemos que a própria metodologia vai propondo uma ligação entre as ideias de cooperação.

Quanto à referência de autoria dos artistas mexicanos na construção dos quadros, adotamos o compromisso social em nome do MST em 2012 de referenciar as obras construídas através da arte com sementes com uma assinatura simbólica por meio da construção de uma flor circular, feita com sementes nas bordas de cada quadro, semelhante à flor do peiete. A mesma é considerada sagrada na cultura indígena mexicana. Portanto, em todos os trabalhos feitos dentro do MST, está a simbologia da flor que representa a assinatura social mexicana, passada verbalmente de artistas para artistas militantes do MST. Dessa forma, se constrói laços culturais de trabalhar com as sementes de forma coletiva.

Salientando algumas observações, percebe-se uma forte emoção contemplativa por parte das pessoas quando estão diante das obras, e acreditamos que esse sentimento se dá pelo fato de que, na maioria das vezes, as sementes passam despercebidas por serem parte da vivência das pessoas e estarem incluídas num contexto de senso comum. Por essa constatação, acreditamos que o papel da arte é também de contribuir para esse despertar de consciência estética, de sensibilidade para perceber e compreender as sementes como alimento, como arte, como patrimônio dos povos do campo, entre outros valores tão pertinentes. Diante destas questões, acreditamos que a arte engajada dentro do (MST), é um passo em construção que caminha de acordo com o tempo e com a compreensão das pessoas. Para nós, a técnica “Germinando arte- engajamento camponês”, é colocada em simples palavras, mas com grandioso significado.

Germinando - germinar sementes e arte.

Arte - linguagem crítico social.

Engajamento - contexto cultural da classe trabalhadora.

Camponês - indígena e Sem Terra.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS ATÉ O MOMENTO.

No trabalho já desenvolvido, podemos perceber traços vivenciados na luta em defesa das sementes crioulas, lembrando que o México é referência na busca pela soberania alimentar, bem como na preservação das sementes. Podemos entender a construção do portal como uma forma de representação crítica por meio da arte. Com esse intuito, ao descrevermos a arte das sementes, queremos analisar essa criação camponesa de origem indígena, sem ignorar os direitos autorais, muito menos os valores construídos enquanto classe. A partir do conhecimento empírico vindo de um camponês e posteriormente comerciante, esse com uma ligação muito forte com o campo, se faz a relação com um contexto muito maior que a construção da arte. A ideia de utilizar as sementes, busca reconhecimento de uma criação genuína, pois se faz necessário zelar para que essa arte não seja expropriada, pois compreendemos que essa criação deve ser reconhecida como patrimônio material e imaterial da cultura de Tepoztlán.

A arte com sementes, tanto no México quanto no Brasil, traz um caráter específico, um desenvolvimento direcionado às temáticas sociais específicas de cada região e localidade. Nesse sentido, nosso objetivo é debater as formas de arte que contribuem para a crítica do contexto das causas sociais no Brasil, ou seja, uma arte engajada que esteja ligada ao campo.

Autores como Andrade (1975), Napolitano (1959/1969), Reis (2007) e Viana (2007) compreendem que a forma de arte mais próxima da arte das sementes desenvolvida na atualidade, descrita por alguns desses autores, no caso do Brasil, foi chamada de arte “engajada”, por todo um compromisso social por parte dos artistas que produziram diversas formas de arte dentro de um contexto histórico marcado por grandes lutas e enfrentamentos sociais. Assim nosso interesse se dá em compreender um processo histórico, e em que medida podemos conceituar a arte com sementes, quais as referências e reflexões seriam possíveis de serem trabalhadas nessa proposta pedagógica social dentro dos movimentos sociais. O que buscamos é a tentativa de nos aproximar deste conceito de arte, de vínculo socialista, para tentar identificar quais abordagens foram desenvolvidas historicamente para fortalecer o debate da cultura em relação ao contexto social, ou quais seriam as formas de luta que se aproximam da arte das sementes.

No período atual, procuramos relacionar a arte das sementes ao cenário político, de enfrentamento ao agronegócio, na luta pela biodiversidade, pela soberania alimentar, pela garantia e zelo dos recursos naturais, entre outros. Esse enfrentamento acontece tanto no campo da arte, quanto em outras formas de organizações e manifestações, portanto é de forma conjunta que devemos combater os problemas herdados historicamente e de mais acentuação no período da ditadura militar, não só no Brasil, mas de toda a América Latina. Dessa forma argumentamos a influência que a arte das sementes pode ter em um processo de transformação social.

O trabalho com as sementes é um tema que nos chama a pensar a partir de elaborações formais, porém tomando cuidado quanto as comparações, pois se faz necessário reconhecer que esta é uma produção pensada e criada a partir da cultura camponesa e acima de tudo indígena, o

que não pode ser confundida na atualidade, com uma arte insignificante frente ao modelo cultural capitalista.

Este processo nos possibilita a reflexão sobre a essência de uma arte criada como pensamento estético de denúncia de um problema social que a tantos anos vem se agravando, como é o caso do desaparecimento de muitas espécies de sementes crioulas. Portanto, a arte com sementes traz um caráter de protesto engajado, de denúncia aos problemas enfrentados por toda a sociedade. Frederico (2013), na obra “A arte no mundo dos homens: Itinerário de Lukács”, em debate sobre estética, faz referência aos *Manuscritos* de 1844, o mesmo debate acerca da arte e da vida social a qual podemos relacionar o sentido dessas observações com a arte das sementes.

A essência da arte é resultado de um longo desenvolvimento histórico, é uma necessidade surgida na vida cotidiana, na visão ontológica. [...] as possibilidades latentes do reflexo estético, presente na vida cotidiana dos homens, só se manifesta como arte quando se obtém sua plena autonomia, tornando-se um “mundo próprio”. Lukács confere uma grande importância às origens do fenômeno artístico, fato discrepante das demais teorias estéticas. Em seu registro ontológico, gênese e estrutura são intimamente ligadas. As diversas formas de objetivação do ser social (como o trabalho, a arte, a ciência etc.) têm sua estrutura e sua função explicada em última instância, pela sua gênese, pelo seu modo de aparecimento no decorrer da evolução histórica. (FREDERICO, 2013, p.116)

No caso da arte com sementes, estamos discutindo objetivos em comum quanto à essência e significado. O que representa essa arte nos dias atuais? Entende-se que esta é uma prática artística social integrada à vida dos artistas que são os agricultores que vivem no campo, que desenvolvem o conhecimento estético por meio da produção das sementes e posteriormente da materialização artística (quadros). Há a necessidade de encontrar uma designação apropriada que possa ser inserida como parte do contexto da arte das sementes, uma referência no tempo histórico para possibilitar a construção de uma nomenclatura originária para essa forma de a arte que se constrói a partir da existência das sementes. Porém, ressaltamos que no período atual, estamos tentando definir um conceito com intenção de construir um trabalho artístico com vínculos sociais, o que não significa que estamos abordando o tema a partir da cultura indígena, mas sim da cultura camponesa. Compreendemos também que é nosso dever afirmar que essa arte faz parte de categorias coletivas que a desenvolvem, ou seja, que estão diretamente ligadas ao público criador em primeira instância que são: o MST, e os artistas mexicanos de Tepoztlán.

A partir da compreensão de que as sementes são uma espécie de identidade que vai além da existência humana, que faz parte de uma cultura, do trabalho e da existência do campo, que essas são trocadas e preservadas ao longo do tempo, seja de forma tradicional por meio de troca entre pessoas de uma mesma localidade, ou de intercâmbio de uma região para outra, podemos afirmar que a produção artística das sementes, coloca a multiplicação das sementes num contexto geográfico que ultrapassa fronteiras e acima de tudo contribui na preservação da biodiversidade.

Isso significa que a semente para os camponeses, dentre outras questões já colocadas, está diretamente ligada ao contexto histórico social da vida, e por meio da arte se estende ao contexto estético.

De acordo com Villas Boas (2015, p.16), em suas colocações sobre a arte e o sistema capitalista, o qual desdenha formas culturais relacionadas a vida e ao conhecimento empírico “aspectos que pelo sistema vigente são colocados como atraso, como grotesco”, compreendendo tais análises, seguimos com a ideia de que, “o ser humano há muitos anos, reconhece as referências do sentido da beleza da natureza e da vida”, de acordo com o que foi descrito, podemos dizer que ao produzir sementes a partir do contexto vivido, os camponeses aprimoram o contexto intelectual, identificam diversos valores que se constituem a partir da própria cultura. Concluímos a ideia compreendendo que ao cultivar sementes respeitando os ciclos e sistemas da natureza e em seguida construir os quadros com sementes, essas são possibilidades de organização de pensamentos que representam a vida social, que esse processo marca um período histórico, dessa forma podem ser ajustadas as representações artísticas desenvolvidas pelos próprios camponeses, pois estes trazem um sentido de beleza particular, ao se representarem nas obras em forma de desenho e como classe trabalhadora, podemos identificar aí um sentido de autonomia do pensamento artístico.

Ao abordar a estética das sementes nos referimos a uma criação que traz justamente o sentido da beleza em sua forma e matéria, que está associada a uma produção que contempla uma preparação organizada em tempos determinados. As sementes necessitam de uma preparação prévia para a obra, preparação que se chama safra, que envolve a preparação da terra, plantio, cuidado, produção, colheita, celebração da natureza, tempo, espaço, respeito aos ciclos da natureza entre outros. Tudo isso é motivo de orgulho dos próprios artistas agricultores que fazem todo esse processo, não se importam se as sementes serão usadas para o consumo da família, vendidas ou serão transformadas em arte, ou seja, produzem uma diversidade por costume, cultura, assim compreendemos que os passos dados nessa construção, dependem de muito conhecimento e de rituais específicos da agricultura.

Em relação a construção dos quadros, podemos afirmar que para estes estarem prontos, necessitamos de mais ou menos seis meses, que vai desde o plantio até a colagem das sementes e posteriormente a conservação da obra em forma de quadro, em Tepoztlán, e esse é refeito com a próxima colheita, no caso do MST, temos conservado a tempo que seja possível, por serem trabalhos menores e possível de cuidar em ambiente mais fechado. Porém o mais pertinente é que cada quadro é único, essa arte privilegia o ponto de vista da cultura camponesa, esse se refaz a cada tempo, seguindo um ciclo natural das sementes, uma construção artística que se diferencia de formas comuns de arte ou até das práticas da vida humana. Essa traz um conceito de existência e ação concreta, abrangente em termos de debate social, sendo também um grande desafio em cada abordagem diante do emblemático contexto de disputa pelas sementes, uma arte que busca por um conceito defina a originalidade do campo.

Fazer arte, entender arte, fruir a arte, ou seja, tudo isso é uma atividade humana e absolutamente necessária. Reforçando o que Marx pensou a respeito da arte, podemos dizer que todo objeto artístico, bem como todo artista, está condicionado pelo o que aquele grupo social, aquela sociedade, aquele tempo histórico acumulou enquanto conceito de arte. Desse modo, essas técnicas, essas habilidades que permitem o desenvolvimento dos objetos da arte, acompanham a história das sociedades. Os indivíduos que produzem arte fazem um duplo sentido: o movimento de desenvolvimento da vida social e o movimento de desenvolvimento das técnicas da produção da arte dentro da vida social. Por isso, falar da arte é sempre falar de uma expressão particular que pertence ao universo. (VILLAS BOAS, 2015, p.18).

De acordo com Villas Boas (2015, p. 29), observando os objetos da criação da arte, vemos que este produz outro tipo de desenvolvimento humano. A arte sempre nos coloca um problema em relação ao mundo, sempre nos coloca um “poderemos ser”. O movimento cotidiano e histórico onde se constrói a cultura na relação com o território pode ser visto em diferentes dimensões, todas elas estritamente entrelaçadas, como a dimensão ecológica, econômica, as relações de poder, a condição política do território, a dimensão simbólico-cultural. Para ele, “é no território que as histórias são narradas, as memórias despertadas e os saberes compartilhados, rompendo o silêncio dos excluídos”. Villas Boas segue dialogando com Benjamin (1987):

Em Benjamin nos deparamos com o desafio de romper com o que foi silenciado. Assim, é preciso ouvir quem não foi ouvido, reconhecer significados em memórias que foram silenciadas, (re) conhecer saberes e fazeres, identificar o que têm a dizer, numa construção de possibilidades da (re) escrita da história, onde sujeitos excluídos se posicionam e revelam a importância de suas marcas no território (VILLAS BOAS, 2015. p.65).

Ainda de acordo com o autor, nas relações da memória, podemos identificar saberes e trazer presente a cultura que nunca foi reconhecida, como é o caso da arte indígena das sementes. A criação da arte das sementes carrega uma memória e ser resgatada, elementos que a natureza levou anos para construir e se forem perdidos, certamente não irão se refazer. A arte com sementes é uma criação indígena e camponesa de longo tempo e no período atual, cumpre a função de produzir outros sentidos para a vida e está ligada diretamente a estética da matéria, ou seja, vai muito além da produção de sementes para matar a fome. As sementes como matéria prima para a arte, caracterizam-se em uma abordagem simbólica, pois além de se transformarem em arte, as sementes são necessárias como fonte de sustentação da vida, como garantia da diversidade biológica em constante mutação, seja nas formas, variedades, cores, além das questões de valor nutritivo e dos benefícios à saúde.

Poderíamos dizer que as sementes fazem parte da alimentação e da arte, essa colocada no conceito da geografia dentro do MST, pois são levadas por vários lugares com o objetivo de serem expostas em forma de quadros, mas também plantadas, reproduzidas para matar a fome

de muitas pessoas que ainda vivem em condições de extrema pobreza. Ao tornar-se materialidade artística, essa faz parte de um contexto que trabalha no sentido de contribuir para a conscientização da produção da vida, da produção agroecológica e da soberania alimentar, meta primordial dos movimentos sociais, bem como para toda classe trabalhadora. Neste sentido o debate da construção artística se dá por um foco de resistência camponesa, uma luta em busca de consolidar o projeto de reforma agrária voltada a distribuição da terra, da renda e da preservação dos recursos naturais.

A partir das representações artísticas com os quadros de sementes, enfatizamos temas como a luta pela terra, o acampamento, as conquistas, e a luta por direitos que historicamente nos foram negados. É importante ressaltar que essa forma artística, não está atrelada a um reducionismo simplista, pelo contrário, ela surge de elementos concretos, de debates sobre problemas enfrentados pelos trabalhadores ao longo dos mais de trinta anos trinta de luta e história de nossa organização. Dessa forma, acreditamos que esta arte contribui e fortalece o debate da resistência camponesa.

A arte, em especial a das sementes, apesar de muitas vezes não ser compreendida num primeiro momento como elemento de protesto e denúncia, essa vai além da função de contemplação, de estética ou de beleza, carrega em si a função de provocar uma discussão sobre as relações do ser humano com a natureza, pois acreditamos que diante do contexto em que vivemos, com o avanço do capitalismo e suas formas dominadora e predadora da natureza, como curso da história, cabe aos pobres e trabalhadores o cuidado com a vida e com tudo que a cerca, pois são estes que mesmo com tantas dificuldades, resistem e mantêm as sementes e todos os bens naturais como patrimônio coletivo.

A produção dessa forma de arte acontece em rede, a mesma identifica informações do contexto cultural, econômico, histórico e geográfico, entre outras informações. O senso de representação crítica e de denúncia contida na arte das sementes abarca prioridades estéticas que identificam uma finalidade concreta pelo qual foi criada e está inserida, e é nesse processo que os valores artísticos estão inseridos e em constante construção. Para o MST a arte das sementes vem no sentido de, em cada construção, relacionar o contexto social da classe trabalhadora, mesmo construída por diferentes sujeitos e em diferentes regiões. Portanto essa busca pelo registro das experiências e práticas se faz necessária, pois soma-se em um projeto coletivo de transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos por hora algumas ideias do contexto discutido, entendemos que se faz necessário mais aprofundamento sobre esse estudo, e é o que estamos nos propondo no decorrer dos dois próximos anos. Em relação ao debate aqui abordado, podemos identificar alguns pontos relevantes das duas formas de arte, por que não dizer três: Comunidade de Tepoztlán, arte

engajada e arte dentro do MST, que nos trazem reflexões e desenvolvimentos parecidos em vários aspectos, apesar de serem desenvolvidas em contextos e períodos diferenciados.

Os seguimentos e semelhanças se dão enquanto proposta de trabalho artístico, dessa forma compreendemos que a arte das sementes, desde sua origem no México, busca referências no contexto histórico, político e social, e levanta elementos para compreensão da realidade do período atual. Segundo autores aqui referenciados, a arte engajada teve seu movimento de maior atuação no período da ditadura militar, devido aos grandes problemas de ordem social que perpassaram aquele período muitos desses problemas prosseguem até os dias atuais.

Em decorrência dessa sociedade cheia de contrastes sociais, percebemos que os desafios colocados na representação da arte, fizeram com que vários artistas assumissem seu verdadeiro papel no campo da arte e da cultura. Como vimos, não foram muitos artistas engajados na sociedade, mas os que foram, fizeram a diferença nos vários países que enfrentaram guerras e processos de aculturação.

O que buscamos no sentido de aprendizado com as diversas formas de arte colocadas para a sociedade em cada época, diz respeito a uma junção de pensamento e método utilizado por cada artista, seja na música, poesia, teatro, artes visuais, gravuras, esculturas, performances entre outras. Essas representações sintetizam e trazem presente memórias de tempos de enfrentamentos sociais, materializados na arte, por artistas que tiveram a capacidade de organizar seu pensamento em consonância com os acontecimentos na sociedade.

A materialização da arte das sementes no contexto atual, vai além da visão da arte, pois nos revela problemas enfrentados na agricultura. Neste sentido, procuramos organizar uma linha de pensamento que nos revele formas de trabalhar contra a cultura dominante e seu modelo de agricultura, o agronegócio. Portanto a tarefa da arte engajada das sementes é dar continuidade aos protestos dos artistas dos anos 60, pois quando falamos dos enfrentamentos políticos pelo olhar da arte, percebemos o papel e o compromisso histórico dela. Tanto a arte das sementes do México quanto a do Brasil pelas mãos do MST, incluindo a arte engajada, fazem referência aos problemas da crise enquanto cultura global.

As semelhanças se dão também no engajamento dos artistas, com os temas sociais na atualidade, porém percebemos lacunas de propostas enquanto classe ou grupo de artistas. Para o MST, atualmente a arte com sementes tem um papel de engajamento cultural e resistência camponesa, pois trabalhamos o contexto da arte como produção e existência da vida, buscamos incluir cada sujeito como parte da sua própria cultura, que trazem consigo o papel de protagonista dentro de um processo de liberdade em construção, seja na arte ou em outros campos de atuação dentro da luta.

A partir do processo de conhecimento adquirido em torno da arte com as sementes, cada um leva consigo o papel de olhá-las com outra visão e se colocam como guardiões das sementes, além disso, permanecem no campo dando continuidade à luta pela preservação das espécies, seja ela qual for. Não deixam de serem agricultores para se tornarem artistas, precisam ser as

duas coisas ao mesmo tempo, por meio do trabalho no campo, na arte ou em outros espaços de formação, estes devem compreender que a cultura camponesa defende um projeto de vida, pois nossas sementes estão cada vez mais sendo apropriadas pelo capital. Estamos certos de que essa dependência pelas sementes não deve prosseguir, pois se elas deixarem de existir, grande parte da cultura camponesa também desaparecerá.

Portanto, o papel dos artistas “Sem Terra”, multiplicadores de sementes, é fazer arte engajada, que esses sejam capazes de agregar pensamentos em torno das questões sociais das sementes, pois o engajamento é um compromisso com as causas sociais. Sendo assim, a arte das sementes levada para várias regiões e lugares, seja por artistas ou pessoas que apenas gostem e se identifiquem com o campo e as sementes, estarão levando também variedades de espécies nunca visto antes por essa geração, dando sustentação à produção agroecológica, além de agregar ideias e ideologias, ou seja, levam consigo um projeto de sociedade.

Temos um longo caminho pela frente e o primeiro passo é fazer com que nossos militantes artistas, desde as crianças até os mais vividos, conheçam as variedades e saibam que elas existem. Em seguida ter a consciência de que estas sementes devem ser repartidas entre os agricultores que plantam e vivem da terra. As sementes devem ser distribuídas em forma de “presentes” (regalos), como faziam os antigos em nossa história ancestral dentro da cultura camponesa. Essa é a meta da técnica *germinando arte- engajamento camponês*, conceito que será definido com a prática social que está sendo construída por todo Brasil.

Na atualidade, não só nas artes visuais, mas em todos os seguimentos artísticos dentro do MST, procuramos identificar propostas formativas de engajamento. Dessa forma, percebemos que o debate das sementes crioulas nos insere num contexto global, sabemos que esse não é apenas um problema do México ou do MST. Acreditamos que pela arte seja possível colocar representações capazes de influenciar nas ações práticas, no sentido de colocar em debate junto da sociedade, as antagônicas propostas para o campo: a do capitalismo por via de seu modelo excludente de produção e a dos povos do campo, das águas e das florestas que lutam e acreditam em outro modelo de sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **O baile das Quatro Artes**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.

BARBOSA, L. C. **Muralismo e Identidades: Representações Pré - Hispânicas em David Álvaro Siqueiros**. I Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação. UFG, 2008, disponível em anais do <https://pos.historia.ufg.br/n/20842-i-seminario-de-pesquisa-textos-completos> acesso em 10/02/2016.

COSTA, I. C. **Nenhuma lágrima: teatro épico em perspectiva dialética**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular; Nanem editora, 2012.

COLI, J. **O que é Arte**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NAPOLITANO, M. **Seguindo a Canção – Engajamento Político e Indústria Cultural na MPB (1959-1969)**. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2001.

_____. Arte e Revolução: Entre o Artesanato dos Sonhos e a Engenharia das Almas (1917-1968). In: **Revista de Sociologia e Política**. N. 8, 1997, pp.7-20.

_____. **A arte engajada e seus públicos (1955/1968)**. In: **Estudos históricos**. Fundação Getúlio Vargas, n. 28, 2001, p. 103-124.

REIS, P. R. O. **Exposições de Arte - vanguarda e política entre os anos 1965 e 1970**. Tese. Universidade Federal do Paraná. CURITIBA. 2007.

PIELLER, E. **Engajamento na Arte**. Originalmente publicado no Le Monde Diplomatique. 23/01/2013.

SARTRE, J.P. **Que é a Literatura?** São Paulo, Ática, 1989.

SOUSA, Roberta Costa. **O conceito de engajamento em Mário de Andrade**. Seminário,UFRJ.2008.

VIANA, N. A. **Especialização e Engajamento**. Revista Espaço Livre, vol. 4. Nº 07, Jan -Jun. Porto Alegre, Zouk, 2009.

_____. **Os Valores na Sociedade Moderna**. Brasília, Thesaurus, 2007 b.

VILLAS BOAS, R. L.; PEREIRA P. M. **Cultura, Arte e Comunicação**. São Paulo. Outras Expressões. 2015.

WEBER, M. **Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música**. São Paulo, UNESP, 1995.

ZÍLIO, C. **Arte e política: 1966-1976**. Rio de Janeiro: MAM, 1996 (catálogo de exposição).

_____. Da antropofagia à Tropicália. In: Duarte, Paulo Sérgio. **O nacional e o popular na cultura brasileira: artes plásticas e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

[1] Este artigo foi produzido a partir de levantamento bibliográfico direcionado à pesquisa para a construção da dissertação de Mestrado em Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Tratando-se de um tema recente, (a estética das sementes), busca-se a partir de um estudo mais detalhado sobre a criação da arte com sementes, relacionado à proposta da arte como vínculo social, tentar compreender em que medida um processo criativo com as sementes, pode contribuir para a preservação das sementes crioulas e fornecer elementos de resistência a ofensiva do agronegócio no processo de alteração genética das sementes.

[2] Casa de sementes é uma expressão utilizada pelas mulheres e povos das comunidades indígenas do México, as quais vem afirmando esse conceito para designar o espaço onde se armazena, organiza a diversidade das sementes crioulas.